

LUIS ZUECO

O CASTELO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2020

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © 2015 Luis Zueco

Publicado por acordo com Bookbank Agencia Literaria
(www.bookbank.es)

Título: *O Castelo*

Título original: *El Castillo*

Autor: Luis Zueco

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Miguel Antunes

Arranjo de capa: José Serrano / Alma dos Livros

Ilustração de capa: © Alejandro Colucci

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 463799/19

1.^a edição: março de 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na Lei.

*Sobre agulhas cortadas a pique, alçado,
inacessível à vertigem e ao sonho.
De cima a baixo, previsão e cálculo.
O ornato e o conforto rejeitou-os o construtor
para fazer de mim vigia permanente
e com que nunca me assalte a surpresa.*

Carlos Garulo,
Voz de piedra

Prefácio

Este romance narra o sonho de alguns homens que, há mil anos, desafiaram o destino, num inóspito enclave que ficou suspenso no tempo.

Atrevo-me a dizer que não existe em todo o mundo outro castelo que nos permita transportarmo-nos para a Idade Média como Loarre o faz. Esqueçam os filmes, a publicidade e tudo o que vos contaram; nada de luxuosos palácios nem de ingénuas princesas. Se querem mergulhar na verdadeira época medieval e sentir o mesmo que esses homens e mulheres do medievo, não hesitem, atravessem o umbral deste livro e viajem até Loarre.

Numa recôndita serra, pouco povoada e em plena fronteira com os inimigos, um aguerrido monarca decidiu erigir uma fortaleza militar, mas não uma qualquer. Não mais uma dessas fortificações que, empoleiradas nas montanhas, dominando o mais profundo dos vales ou refugiadas em autênticos ninhos de águia, povoavam as paisagens de reinos e condados na Idade Média.

Não. Esta é a epopeia do mais grandioso e imponente castelo que os meus olhos alguma vez viram, uma das mais impressionantes construções do seu tempo, sobre a qual se gerou um dos mais importantes reinos medievais.

Uma época sombria e perigosa, em que uma vida nada valia, em que as religiões se enredavam em sangrentas guerras em nome dos respetivos deuses. A Idade Média pode ser o período mais evocativo da história da humanidade, mas não foram séculos de prosperidade, nem de avanços tecnológicos ou culturais. Não foi essa época de cavaleiros e princesas que os filmes e a literatura gravaram no nosso imaginário coletivo. O medievo é um período de desigualdades, luta e morte. No qual homens com escassos meios e ainda menos conhecimentos conseguiram desafiar os limites que a ignorância e o poder lhes impunham.

E o elemento, o emblema desse tempo, são os castelos. Por isso, quando os vemos elevar-se ainda no horizonte, orgulhosos do esplendor de outrora, ou visitamos o que deles resta, na maior parte das vezes apenas ruínas, deixamos sempre a imaginação voar. Percorremos as torres e muralhas, avistando inimigos no horizonte, fantasiámos com concorridos torneios e alvoroçados banquetes, ou cavaleiros salvando belas donzelas em apuros.

Mas, como vos dizia, isso não foi a Idade Média.

Se querem descobrir como eram os homens e mulheres que forjaram esse período longínquo, como conseguiam erguer espetaculares monumentos como o Castelo de Loarre, virem esta página e adentrem-se a caminho dos Pirenéus, em plena fronteira entre a Cruz e o Crescente, e viverão a concretização de um sonho. Porque não há neste mundo arma mais poderosa, tanto hoje como há mil anos, do que acreditarmos nos nossos sonhos.

Por mais obstáculos, desgraças e impedimentos que a vida vos ponha à frente, sonhem, como fizeram os homens que construíram o Castelo de Loarre.

Loarre é considerado o castelo românico mais bem conservado do mundo e espera-se que em breve passe a fazer parte da Lista do Património da Humanidade da UNESCO.

Dramatis personae

PERSONAGENS HISTÓRICAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XI

Sancho Garcês III de Pamplona, apodado *o Maior*, foi rei de Pamplona. Durante o seu mandato, o reino de Nájera-Pamplona alcançou a sua máxima extensão territorial, abarcando quase todo o terço norte de Espanha. Contraiu matrimónio com a rainha Munia de Castela, com quem teve cinco filhos.

Ramiro I de Aragão, filho extramatrimonial do rei Sancho, *o Maior*, com Dona Sancha de Aibar. Recebeu o condado de Aragão, devendo prestar vassalagem ao rei de Pamplona. Chegaria a ser o primeiro rei de Aragão, território ao qual acrescentou os condados de Sobrarbe e Ribagorça.

Garcia Sanches III, rei de Pamplona, apelidado *o de Nájera*, primeiro dos filhos legítimos do rei Sancho, *o Maior*.

Fernando Sanches, conde de Castela e rei de Leão, apelidado *o Grande*. Segundo filho de Sancho, *o Maior*. Casado com Sancha de Leão, irmã do rei leonês Bermudo III.

Jimena Sanches, rainha de Leão por casamento com Bermudo III de Leão, única filha de Sancho, *o Maior*.

Gonçalo Sanches, conde de Sobrarbe e Ribagorça, filho mais novo do rei Sancho, *o Maior*.

PERSONAGENS HISTÓRICAS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XI

Sancho Garcês IV, rei de Pamplona, apodado *o de Peñalén*. Filho e sucessor de Garcia Sanches III de Pamplona e de Estefânia de Foix, foi proclamado rei após a morte do pai na batalha de Atapuerca aos catorze anos.

Sancho Ramires, rei de Aragão e Pamplona, primeiro filho de Ramiro I de Aragão e de Ermesinda de Foix. Casou-se em primeiras núpcias com Isabel de Urgel, da qual nasceu um único filho, o futuro rei Pedro I.

A **condessa Sancha de Aragão**, primeira filha de Ramiro I, casada com o conde Ermengol III de Urgel. Após enviuar, dirigiu o Mosteiro de Siresa e a diocese de Pamplona.

O **infante-bispo Garcia Ramires**, segundo filho do rei Ramiro I, bispo de Aragão e de Pamplona.

PERSONAGENS NÃO HISTÓRICAS

Juan, carpinteiro nascido nos Pirenéus, cuja esposa morreu dois anos após dar à luz o seu único filho.

O **lombardo**, último dos construtores da sua região a trabalhar no reino de Sancho III, *o Maior*.

Fortún, filho de Juan, começou como aprendiz de carpinteiro e chegou a ser nomeado mestre de obras de Loarre.

Eneca, filha do senhor de Xabier, ao ficar órfã, teve de subsistir por sua conta desde jovem; prestava culto aos velhos deuses.

Javierre, filho de um pastor dos vales próximos de Loarre, da mesma idade de Fortún.

Ava, filha de um homem de armas de Sancho, foi uma hábil arqueira.

O **sacerdote**, religioso defensor do velho rito hispano, antigo monge do Mosteiro de San Juan de la Peña.

Isidoro, mestre canteiro que trabalhou nos diferentes reinos cristãos.

Galindo, homem de armas de origem pamplonesa, de grande envergadura e com especial destreza no uso das facas.

Constanza, escrava do harém do governador da cidade de Wasqa.

Reis de Pamplona e Aragão

Sancha de Aibar

Sancho III Garcês, *o Maior* – rei de Pamplona-Nájera – (1004-1035)

Munia – rainha de Pamplona e condessa de Castela

Ramiro I – rei de Aragão – (1035-1063)

Garcia Sanches III, *o de Nájera* – rei de Pamplona – (1035-1054)

Fernando I, *o Magno* – conde de Castela (1035-1065) – rei de Leão
(1037-1065)

Jimena Sanches – rainha consorte de Leão

Gonçalo – conde de Sobrarbe e de Ribagorça – (1035-1045)

Sancho Garcês IV, *o de Peñalén* – rei de Pamplona

Felícia de Roucy

Sancho Ramires – rei de Aragão (1063-1094) – rei de Pamplona
(1076-1094)

Garcia – bispo de Jaca

Sancha – condessa de Urgel

Isabel

Fernando

Afonso I, *o Batalhador* – rei de Aragão e Pamplona – (1104-1134)

Ramiro II, *o Monge* – rei de Aragão – (1134-1137)

Pedro I – rei de Aragão e Pamplona – (1094-1104)

PRIMEIRA PARTE

O REI SANCHO III

Capítulo Um

CASTELO DE XABIER. NOVEMBRO DO ANO 1027

Começou a respirar com dificuldade, a pulsação acelerou e sentiu uma pressão dolorosa no peito. Abriu os lábios o máximo que pôde para que entrasse mais ar, mas tornava-se inútil. A penumbra era espessa e fria como a neve da montanha. Ergueu o olhar e observou em volta, não conseguia ver claramente, porém sabia que algo estava ali.

Então percebeu.

A respiração voltou a serenar, a pressão desapareceu e foi acalmando o ritmo do seu jovem coração. Por mais estranho que parecesse, aquilo não lhe causava terror. E, no entanto, sabia que devia senti-lo.

«O medo é bom», costumava dizer-lhe o pai. «Mantém-te alerta, faz-te avaliar todas as opções. O medo é o aliado dos valentes e o pior inimigo dos cobardes.

A menina não entendia essas palavras, não compreendia tal sentimento. Via o mal naqueles olhos vermelhos que a perscrutavam, transbordantes de sangue, e, ainda assim, sustinha-lhe o olhar. Queria saber, queria entender de onde vinha. Nem sequer se aterrorizou quando se precipitou sobre ela e...

– Eneca! Acorda!

A menina abriu os olhos, mostrando umas pupilas mais negras do que a própria noite que, àquelas horas, envolvia a torre do Castelo de Xabier.

– Encontras-te bem, minha filha? Estás a suar, estavas a ter um pesadelo.

– Mãe! – gritou, abraçando-a com todas as forças, enredando-se nos caracóis dourados de uma extensa cabeleira.

– Shhh. Já passou, estás a salvo – disse, tentando apaziguar o seu medo enquanto lhe acariciava suavemente o cabelo.

– Não, mãe, não estamos a salvo – sussurrou a menina –, ele vem atrás de nós.

– De que falas, Eneca?

– Eu vi-o, quer apanhar-me.

– Pequena, foi só um sonho mau. Ninguém te vem fazer mal. Não tenhas medo, entre estes muros estamos a salvo de qualquer perigo.

– Está perto.

– O que se passa? – Uma mulher mais velha entrou, alterada, no quarto, trazendo uma vela entre as mãos.

– A Eneca teve um pesadelo – respondeu a mãe da criança –, mas já está melhor, não é verdade? – A menina não respondeu.

– Eu fico com ela. Iguazel, vai dormir com o teu marido.

A bela mulher beijou a filha na testa. Eneca tranquilizou-se ao ver a doçura que transbordava dos olhos cinzentos da mãe, que se levantou da cama e lançou um olhar cúmplice à recém-chegada. Fitou novamente a filha e despediu-se dela com um gesto de mão. Fechou a porta ao mesmo tempo que a idosa se acorrava na enxerga e apagava o pavio da vela. A penumbra voltou, pesada e infinita como antes. Eneca tornou a sentir a pressão e a dificuldade em respirar. Desta vez, a avó abraçou-a, mas não era suficiente. Sentiu que o mal regressava e tomava de novo posse daquela divisão.

– Nunca tens pesadelos, Eneca. O que se passa contigo? Podes contar-me...

– Avó, está aqui.

– Quem? Quem está aqui, Eneca?

– Vem buscar-me. Eu vi – aninhou-se contra o peito da idosa –, tinha olhos de sangue.

– Tens a certeza?

– Sim – respondeu, com uma firmeza imprópria para a idade.

– O que é? Um lobo ou um urso?

– Não, um monstro.

– Querida, não existem... – A avó calou-se ao ver como a neta tremia e tinha a pele fria como a neve. – Eneca, o que se passa contigo?

Então, a jovem sentiu uma pontada no meio do peito que a fez agitar-se com tal brusquidão que assustou a idosa, cujos olhos não podiam esconder o pânico e a angústia que a invadiam.

– Avó, já chegaram.

Soaram os sinos da igreja, repicavam como levados pelo diabo. Como se o próprio Lúcifer desse ao badalo com toda a ira. A idosa sentiu um calafrio, aquele som infernal só podia ter um significado.

– Aconteça o que acontecer, não contes a ninguém o que dizes ter visto – avisou-a enquanto se levantava. – Está bem? As pessoas odeiam os que não são como elas, e tu, tu és especial, querida.

A menina assentiu com a cabeça. A avó correu para a janela, abriu-a e descobriu diante dela uma aldeia em chamas. Os gritos começaram a rasgar a noite quando vários cavaleiros irromperam pelo flanco da ponte. O primeiro cortou de um só golpe a garganta da filha do ferreiro. O segundo ergueu a lâmina da espada sobre a cabeça para a descer com toda a violência possível contra o peito de outro aldeão, rasgando-lhe a pele e tirando-lhe a vida. Outro era degolado no chão como um animal. Entretanto, mais dois eram trespassados por lanças, sem compaixão, mesmo quando jaziam inertes, esvaindo-se em sangue como animais.

A um dos poucos que saíram armados para lhes fazer frente puseram-lhe uma corda ao pescoço e foi arrastado por um cavaleiro até cair num dos fogos que os atacantes tinham acendido. Os seus gritos não se ouviam na torre, mas via-se como gatinhava, desesperado, pela terra, tentando abafar as chamas que lhe consumiam o corpo. Alguém se apiedou dele e decapitou-o, para que não continuasse a sofrer em vão.

Os restantes, desesperados, procuravam fugir. Uns em direção ao bosque e outros rumo à torre.

– O que se passa, avó?

– Veste-te! – exclamou esta, fechando a janela. – Rápido!

O teto sobre as suas cabeças retumbou com abundantes passadas. A avó ergueu o olhar, deviam ser os guardas que corriam para defender a fortificação. Entre aqueles muros estavam a salvo, mas toda a gente no exterior, a sua gente... Para eles, era tarde, só Deus podia valer-lhes.

Enquanto Eneca se agasalhava, a avó esfregava as mãos, atemorizada. Olhava para um lado e para o outro, procurando um consolo que não

encontrava. Juntou as pontas dos dedos à altura do queixo e dirigiu uma prece ao Senhor.

Surpreendentemente, os gritos pararam e o silêncio apoderou-se de novo da noite. Longe de a tornar mais agradável, semeou nela uma insuportável incerteza. A mulher entreabriu a janela e assomou ao exterior os olhos temerosos. Entre o calor das chamas, os atacantes já não perseguiam os que fugiam, dedicando-se antes a cercar a torre onde elas se abrigavam. Foi então que algumas fileiras de luzes iluminaram a entrada da aldeia e avançaram em perfeita formação até se posicionarem frente à fortaleza.

O olhar atónito da idosa não se deu conta do que ia acontecer, não podia imaginar o futuro que as esperava. Os atacantes pareciam pirilampos numa estranha coordenação de movimentos. Até que, de súbito, esses pontos de luz se duplicaram e afastaram da terra para sulcar a noite estrelada, como crias no primeiro e, em última análise, derradeiro voo.

A mulher apressou-se a fechar a janela e ouviu os gritos de alarme nos pisos superiores. Passados alguns instantes, voltou a abri-la com precaução e redescobriu os pássaros de fogo a voar contra o cimo da torre. Assim foi uma e outra vez, num incessante ato cerimonial.

– Meu Deus! Estais bem? – A mãe de Eneca entrou no quarto entre sufocos, com um rosto embargado de temor.

– Sim, filha... – respondeu a idosa, fitando-a com pesar. – Não conseguirão detê-los, pois não?

– Receio que não, mãe.

– Quanto tempo resistirá o castelo? Virão socorrer-nos, não é verdade? O rei tem de o fazer, tem de nos ajudar...

Não respondeu e, ao mesmo tempo, esse silêncio foi a pior resposta possível. A mulher foi a correr espreitar pela janela e as pernas tremeram-lhe ao ver a cena com as dezenas de arqueiros a disparar sem descanso contra eles. Um brilho no céu demonstrava que já tinham atingido o telhado e que os cobertos da torre ardiam, presa das labaredas. Apesar de tudo, não foi isso o que mais assustou a dama. Foi ver uma balista de desmedido tamanho, postada junto às quadras da aldeia. Puxada por um par de mulas esporeadas por vários homens, que a guiavam em direção à porta de acesso à torre do castelo.

– Disse-vos que vinham, que já estavam aqui – declarou a menina, para assombro da mãe e da avó.

– Deus santo... – A mulher de cabelos dourados tremia de medo e mal conseguia articular as palavras que ansiavam por lhe escapar da garganta. – Mãe, temos de pôr a Eneca a salvo, as defesas não resistirão.

– O túnel! – A avó agarrou Eneca pelo braço.

– Não podemos...

Um estrondo terrível percorreu toda a torre, os muros tremeram como se fossem desabar e os gritos sobre as suas cabeças voltaram a retumbar.

– Corram, filha! Antes que entrem – insistiu a idosa. Foi a primeira a sair da divisão, enquanto Eneca ia nos braços da mãe, em direção às escadas que conduziam ao nível inferior da fortificação. Quando as três desceram, a porta da entrada estava em chamas e quatro soldados, armados com espadas e escudos, dispunham-se a repelir os atacantes.

– Que fazeis aqui? Voltai para cima! – gritou um deles. Foram as suas últimas palavras, pois uma flecha arrancou-lhe um olho da órbita, salpicando o rosto de Eneca.

A mãe agarrou-a com força e pegou numa das tochas que pendiam dos muros. Decidida, continuou a descer a escadaria seguinte, que acedia à adega da torre, deixando os restantes três soldados a rezar em voz alta, cientes de que em breve veriam o Senhor.

Uma vez lá em baixo, Iguazel iluminou a divisão e prosseguiu até ao extremo mais afastado.

– Mãe, ajudai-me. – Entre ambas, deslocaram sacos de trigo, deixando ver um alçapão no solo. – Rápido!

Abriu-o e pôs a filha lá dentro, ao mesmo tempo que, com o pano da saia, limpava o sangue que lhe salpicara o rosto.

– Eu não vou. – A avó de Eneca afastou-se delas.

– Que dizeis, mãe? Vamos!

– Não. Ide! Depressa! Eu escondo novamente o alçapão, assim tereis mais tempo para fugir.

– Nada disso. – E agarrou-a pelo pulso.

– Sou demasiado velha para me arrastar por esse túnel e correr em campo aberto – disse ela com voz serena, enquanto se libertava da mão que a retinha. – Salva Eneca e deixa esta velha ser útil pela última vez. Concede-me esse desejo.

Fitou-a com as lágrimas a inundar-lhe a face. Abraçaram-se como não faziam havia tanto tempo, que nenhuma delas se recordava, cientes de que não voltariam a ver-se. Como adeus, deixaram o último olhar. O alçapão fechou-se atrás delas e avançaram por um estreito túnel, húmido e frio, de ar putrefacto e com vermes e insetos a rastejar pelas paredes enegrecidas. Nalguns locais tinham de se ajoelhar e gatinhar. O espaço assemelhava-se às tocas de um dos animais que viviam no bosque. Era difícil saber onde acabava, o que parecia certo era que havia alguma inclinação e isso facilitava a marcha. O solo estava cada vez mais enlameado, os pés afundavam-se irremediavelmente, tornando cada passo mais difícil do que o anterior. Eneca não dizia palavra, limitava-se a seguir a mãe, que a conduzia, guiada pela mão. A mulher de cabelos dourados não queria nem imaginar o que lhes aconteceria se a tocha que levava se apagasse e, pior ainda, o que encontrariam à saída daquele túnel.

Para sua desgraça, ela, sim, adivinhava a sorte dos que haviam ficado na torre; entre eles, a mãe e o marido, o tenente da fortaleza. Tentava não pensar nisso: a filha, era agora o mais importante.

Finalmente encontraram ar puro e, pouco depois, escondido entre um emaranhado de ramos de arbustos, o acesso ao rio. Eneca não saía do assombro, ainda não entendia como haviam conseguido chegar ali. A ela, que tanto gostava de brincar na água, não lhe custou reconhecer aquele troço e maravilhou-se com a ideia de poder entrar e sair diretamente da torre para o rio sem ser vista. Sem ter de passar pela casa do ferreiro nem pela da velha sem dentes que estava sempre a falar com os porcos do curral. Que pena não o ter descoberto antes.

– Não digas nada, ainda não estamos a salvo – ordenou-lhe a mãe, levando o indicador aos lábios. – Espera aqui por mim.

Iguazel avançou alguns passos e espreitou, procurando a torre, que, por aquela altura, era já pasto das chamas. Pensou no marido, que estaria a defender as ameias. Na mãe, que escondera de novo o alçapão e que depois se teria ocultado entre os víveres. Recordou também os soldados, que teriam feito os possíveis para repelir o ataque. Igual sorte teriam sofrido os aldeãos, só uns quantos haviam conseguido fugir para as montanhas, onde seriam presa fácil caso os perseguissem.

Quando as lágrimas caíam da claridade dos seus olhos, ouviu um ruído próximo, o relincho de um cavalo.

Regressou para junto de Eneca e agarrou-a pelo braço. Voltou a ouvi-lo, estava mais perto. Olhou para a filha como só uma mãe pode fazer. A pequena não se parecia nada com ela, nem no físico nem na forma de ser. Mas era sua filha, sangue do seu sangue. Tirou a cruz que lhe pendia do pescoço e passou-a pela cabeça da menina.

– Eneca – sussurrou –, nunca deixes que alguém ta tire, promete-me.

– Mãe...

– Promete! – exigiu Iguazel, sacudindo-a.

– Sim, mãe.

– Muito bem, minha filha. Lembras-te de quando vamos até à ponte do rio para nos despedirmos do teu pai?

– Sim, claro.

– Pois agora quero que vás até lá sozinha. Fá-lo-ás? – Eneca assentiu com a cabeça. – Isso mesmo, já és crescida, sei que és capaz. Nunca confies em ninguém.

– Mas...

Voltou a ouvir-se o relincho de um cavalo e gritos. Iguazel fitou-a com infinita tristeza, como seria capaz de se separar dela? Era tão pequena, tão frágil... e, ao mesmo tempo, conhecia a enorme força que transbordava dos seus jovens olhos. Tinha de o fazer, estavam perto e sabia já o que aconteceria caso apanhassem a filha.

– Vai e não pares. Uma vez na ponte, espera que eu chegue. Promete.

– Prometo, mãe. – E deu-lhe um beijo na testa.

– Agora corre, vamos!

A mãe ficou de pé junto ao rio, enquanto a rapariga seguia o leito. Pegou numa pedra e agachou-se atrás do tronco de uma grossa árvore. Naquela penumbra espessa, apenas distinguia sombras; viu então como alguns ramos se moviam diante dela.

A menina parou ao ouvir o relinchar de um cavalo. Virou-se para onde acabara de se despedir da mãe e descobriu-a escondida atrás dos arbustos. O cavaleiro desmontou e desembainhou a espada, cuja lâmina curva cortou a noite com um silvo. O sarraceno deu um par de passos, deixando a mãe de Eneca atrás de si.

E então, o olhar do infiel atravessou a penumbra até descobrir Eneca ao longe, eram os olhos de sangue.

A mãe surgiu de entre as sombras e atingiu-o na cabeça, derrubando-o.

– Corre, Eneca! Corre!

O muçulmano ergueu-se com o rosto ensanguentado, esquivou-se ao golpe seguinte da mulher e agarrou-a pelo pescoço só com uma mão.

Ela olhou para o lugar onde vira Eneca e sorriu de alívio ao verificar que a filha já não se encontrava ali.

Capítulo Dois

PAMPLONA. 22 DE NOVEMBRO DO ANO 1027

Naquela manhã, o mercado fervilhava, repleto, tendo ali acorrido comerciantes de todos os lugares do reino. Traziam vinho do Norte do condado de Castela, joias recém-chegadas das terras de Leão, cerâmicas de Astorga, tecidos de Haro e Nájera, doces de Palencia, calçado de Carrión, peixe de Laredo e Santillana, queijo do vale de Baztán, madeira talhada de Garay e as melhores peles curtidas em Boltaña e em Jaca.

As ruas da cidade estavam adornadas com pendões de todas as casas vassalas do rei. Um fervedouro de gentes variegadas, cavaleiros adornados com os melhores trajes, damas ataviadas com as suas ricas joias, abundantes comitivas, vistosos cortejos, senhores de todos os castelos do reino, gentis embaixadas dos condados de Castela, Aragão, Sobrarbe e Ribagorça. Veneráveis clérigos, bispos embrulhados nas suas casulas púrpura e estolas douradas. Homens de armas, escudeiros, pajens e gente do povo que se esforçava por ver os seus senhores.

Todos sabiam da chegada a Pamplona do mais ilustre da nobreza do reino. Há vários anos que o rei Sancho, o terceiro de seu nome, chamado por muitos Sancho, *o Maior*, por estar a sua grandeza acima de qualquer outro ilustre monarca, costumava celebrar a festividade de Santa Cecília em Pamplona. A corte era itinerante, por isso, apesar de ser a capital do reino, as estadas da família na cidade eram escassas e, quando aconteciam, não havia vassalo que não acorresse aos festejos.

Lope de Ferrech participava pela primeira vez naquele compromisso anual; não pertencia à alta nobreza, por enquanto. O pai deixara-lhe um reduzido território na serra de Leyre, não muito extenso nem rico. Mas suficiente para poder assistir aos mesmos banquetes que os grandes do reino, ainda que nunca dar-se com eles. Ao pai, custara-lhe uma vida conseguir aquelas terras, agora cabia-lhe tirar proveito delas.

Desmontou ao entrar no faustoso pátio de armas do castelo e deixou a montada com o escudeiro, um robusto homem de queixo quadrado e costas largas como as de um urso. Fiel e obediente, tranquilo e calado, mas também feroz e sanguinário em combate. Sozinho, acabara com quatro homens de armas na passagem de Biniés, perto do caminho que levava a Santiago, quando sofreram uma emboscada às mãos de foragidos. Às vezes, não era claro quem eram os piores inimigos, se os sarracenos ou os cristãos que ansiavam por obter um saque a qualquer preço. Quem infringia as leis de Deus só podia receber a morte como castigo. No entanto, havia sempre deserdados e mortos de fome que ousavam atacar um senhor, por mais que isso significasse o inferno eterno.

Dirigiu-se ao pavilhão ocidental, onde uma comitiva de músicos dava as boas-vindas aos nobres. Estavam presentes os escudos de armas de todas as casas: leões, castelos, caldeirões e outros emblemas que nunca vira impressionaram-no a ponto de o fazer duvidar se tinha lugar ali. Se ele, infanção do Norte, era digno de partilhar aposentos com tão ilustre senhorio. Lembrou-se do pai, que lutara sem descanso para que um dia o filho estivesse ali. Sim, possivelmente era o senhor da casa com menos terras e bens da corte do rei Sancho, *o Maior*. Sim, a sua família não contava com gerações de cavaleiros. Mas fora convidado para a receção real por direito, ninguém lhes oferecera nada, pelo contrário. Por mais de uma vez, o pai tivera de enfrentar senhores e também quem de senhor pouco tivesse. E, sem outro remédio, de cruzar com eles o seu aço, pois nesta vida são muitos os que te pisam do alto quando te veem chegar ao cimo, mas poucos os que te empurram para cima a fim de realizares os teus sonhos.

Os feitos e esforços do progenitor davam-lhe a possibilidade de talvez, um dia, ostentar um título maior. Isso dependia da sua espada e, sobretudo, da astúcia. Ele não fora educado para isso. Era o segundo filho, mais de uma vez o pai o quisera mandar para monge. Mas Lope

de Ferrech não fora feito para vestir o hábito. Era teimoso como uma mula e desde jovem que se empenhara em demonstrar à família que segurava melhor uma espada do que um crucifixo. Herdara o título do antepassado porque o primogénito, o irmão Antón, encontrara a morte durante uma razia dos muçulmanos do reino de Saraqusta. Com a queda do califado, o rei de Pamplona tentou fazer avançar a fronteira, mas nada foi conseguido, além de verter sangue cristão.

Aquela trágica morte fez com que o pai esquecesse os planos de o tornar religioso e, assim que pôde, pôs-lhe uma espada nas mãos, mas espantou-se ao verificar que ele já sabia brandi-la como um cavaleiro.

No salão real, engalanado com todos os luxos, procurou onde se sentar no meio daquela multidão de conspirações veladas e conversas entediantes. Nem todos os presentes eram tão pouco interessantes, pois havia damas da mais alta linhagem. Lope de Ferrech centrou a atenção numa jovem que vestia um brial ajustado, com bordados florais e aberturas laterais encordoadas. Ela fitou-o disfarçadamente e presenteou-o com um sorriso discreto. Infelizmente, aproximou-se um cavaleiro envolto numa longa capa azulada e tomou-a pelo braço. Por isso, dirigiu o olhar a outra mulher. Esta vestia um brial de mangas largas, com bordados geométricos nas mangas e uma gargantilha com faixas a cingir-lhe o pescoço. Apesar das tentativas de lhe chamar a atenção, não dava a impressão de mostrar o menor interesse.

Decidiu não tentar a sorte e afastar-se daqueles olhos provocadores, encaminhando-se para o extremo menos concorrido. Aí, encontrou uma discreta corte que rodeava uma robusta personagem, da qual não era capaz de vislumbrar o rosto. Os acompanhantes fitaram-no com desconfiança, mas já estava cansado de deambular por aquele salão. Por isso, procurou um copo de vinho e tomou posição ao seu lado, de modo a que aqueles olhares lhe resvassem pelas costas.

Enquanto sorvia a sua bebida, o grupo deslocou-se para o centro da sala. Mas não todos, um postou-se à sua direita e pegou noutra copo. Ao voltar-se para verificar de quem se tratava, não pôde esconder a surpresa ao ver Ramiro, o filho mais velho do rei, embora não o herdeiro, já que não fora dado à luz no seio do matrimónio, sendo fruto de um amorio do rei antes de se casar com a rainha Munia, filha do conde de Castela.

Nunca falara com ele, mas o pai encarregara-se de lhe mostrar, nos poucos atos em que haviam coincidido com a família real, quem era cada um dos filhos de Sancho, *o Maior*. Ramiro era todo ele um cavaleiro, corpulento, de boa estatura, moreno e com uns olhos que transbordavam de confiança em si mesmo. Para Lope, esse era o maior dom que um homem podia ter. Havia qualidades importantes, como a valentia, a destreza ou até a inteligência, mas esse brilho nos olhos era o mais poderoso dos dons que Deus podia outorgar a qualquer homem.

– Senhor, sou Lope de Ferrech – disse, tomando a iniciativa. Ele fitou-o de cima a baixo antes de responder.

– Melhor para vós.

– Queria apresentar-vos os meus cumprimentos.

– Porquê a mim? Os meus irmãos são mais... Como diria? Proveitosos para um dom ninguém como vós.

Lope de Ferrech sentiu essa pontada que se produz quando nos humilham, que dói logo abaixo da honra, entre as costelas, mesmo ao lado do orgulho e da sede de vingança, e cuja única forma de sanar é cruzando espadas. Mas nem o lugar nem a personagem eram propícios a isso.

– Meu senhor, sou...

– Calma, eu sei quem sois. Estava apenas a gracejar.

– Conheceis-me?

– Sou filho do rei Sancho, conheço todos os nobres do reino. – Aquela resposta surpreendeu Lope. – Uma vez falei com o vosso pai, no dia em que o rei lhe concedeu as terras que possuís em Leyre. Um homem valente e leal, foi uma pena a sua morte.

– Obrigado, meu senhor.

– Festa aborrecida, não é verdade? Quase entediante, atrever-me-ia a sugerir.

– Para vos ser sincero, não costumo ir a muitas.

– Que sorte tendes! – E o filho do rei sorriu. – Sabeis porque são as festas importantes?

– Talvez por haver boa comida.

– Nem sempre, acreditai – respondeu Ramiro, com um grande sorriso.

– Pela companhia?

– Deus! Claro que não, olhai à volta. Perderíeis um instante da vida a conversar com estes asnos? – questionou, para sua surpresa. – Sim, não me olheis assim, todos procuram apenas agradar a meu pai, não lhes importa nem o reino, nem os muçulmanos, nem Deus. Só eles; a sua lealdade é menos fiável do que a capacidade de não dizer disparates assim que abrem a bocarra.

– Está claro que não sois um homem de festas.

– Pelo contrário, apaixonam-me. A razão pela qual se convocam é que nelas há sempre acontecimentos interessantes. Meu caro Lope de Ferrech, se se celebra uma festa no reino de Pamplona, é para que algo aconteça. Às vezes, sabe-se de antemão, mas outras... Sabeis o que celebramos hoje?

– A festa de Santa Cecília.

– Acreditais nisso? – perguntou Ramiro, arqueando as sobrancelhas.

– Terá Santa Cecília porventura feito algo pelo nosso reino?

– Eu... acho que não. – Lope ficou hesitante. – Quer dizer que hoje acontecerá algo...

Antes que terminasse a frase, alguns tambores anunciaram a chegada do rei. Os presentes perfilaram-se: castelhanos, leoneses, pamploneses e também os ribagorçanos, aragoneses e sobrarbenses. Todos procuraram mostrar a cabeça o mais alto possível, qual galo num galinheiro. Não era para menos, o rei Sancho era o monarca mais poderoso que os reinos cristãos do Sul dos Pirenéus haviam conhecido.

– Meus vassalos, agradeço a vossa presença em Pamplona – disse, com voz poderosa –, estou cada vez mais velho e restam-me menos anos para celebrar.

Um murmúrio percorreu a sala e os olhares procuraram o herdeiro, o seu filho Garcia. Também seu irmão Fernando e o pequeno Gonçalo, que se mantinha junto da mãe, a rainha Munia.

– Calma, ainda não tendes de me enterrar – continuou o rei, soltando uma ruidosa gargalhada –, mas fazeis bem em fixar o olhar nos meus filhos, pois eles guiarão o futuro dos meus territórios e, por conseguinte, o vosso.

– Fala no plural – sussurrou Ramiro.

Lope não entendeu a transcendência daquele detalhe e continuou a ouvir o monarca.

– Estou orgulhoso de cada um deles e convencido de que, chegado o momento, me sucederão com honra e sabedoria. – E o rei ergueu o copo. – Brindemos a eles!

Os presentes obedeceram com entusiasmo.

– Viva o rei! – Ramiro deu um passo em frente, de copo ao alto.
– Longa vida ao rei!

– Longa vida ao rei! – repetiu o salão inteiro, incluindo os meios-irmãos.

Ramiro regressou à sua posição e bebeu do copo com um gesto firme e seguro. Sem dúvida que a inesperada intervenção causara estranheza.

Que pretende o meio-irmão com estas palavras?, perguntar-se-ia mais de um dos nobres.

– Lope, se quereis um conselho sincero, não percais tempo com aliados incertos ou débeis – advertiu o filho do rei num sussurro enquanto o fitava com as pupilas negras. – Deveis estar certo de quem quereis ter do vosso lado e quem não quereis, entendeis-me?

– Sim, meu senhor.

– Que pensais dos meus meios-irmãos?

– Decerto que governarão com sabedoria.

– Disparates! Que pensais realmente? Dizei-me!

– É cedo para saber – suspirou Lope. Não gostava de ciladas. – Será preciso ver como reina o herdeiro...

– Como julgais que o meu querido pai repartirá os territórios?

– Isso ninguém sabe.

– Garcia será rei de Pamplona, sem dúvida. Mas o que acontecerá com o condado de Castela? Com os senhorios de Álava ou Cea? Com Aragão ou Ribagorça?

– Não lhe perguntastes? – Lope decidiu tomar uma posição mais ofensiva. – É vosso pai, quem melhor do que vós para saber?

– Precisamente por isso, Lope. – Estas enigmáticas palavras esvoaçaram em seu redor como moscas pegajosas.

Lope de Ferrech sentiu-se em perigo, atingiu-o um calor asfíxiante. Não estava habituado àquelas receções nem a conversas tão carregadas de insinuações. O pai não o tinha preparado para aquilo, ele não crescera na corte. Não era capaz de ler entre as frases pontiagudas do filho do

rei. E, ao mesmo tempo, julgava estar ante uma dessas oportunidades que não se podem deixar escapar na vida.

– Eu poderia ajudar-vos – atreveu-se a dizer –, precisais de alguém de confiança, fiel e...

– Não estamos nas montanhas. Pamplona é mais perigosa do que qualquer desfiladeiro ou emboscada. – Ramiro procurou um copo de vinho para apaziguar a sede. – Não posso confiar em ninguém da corte, todos têm dívidas para com todos, influências, pactos contínuos...

– Eu sou leal ao rei.

– Claro, disso ninguém duvida – disse Ramiro, olhando novamente para Lope. – Talvez possais servir-me, sim. Não aqui, mas fora destes muros.

– Lamento, meu senhor, não vos entendo. Como poderia servir-vos longe da corte?

– Este reino é extenso. Em Pamplona, muitas vezes não nos damos conta do que acontece nas zonas mais distantes e perigosas. – Duas damas ataviadas com saias de cores vivas e mangas largas saudaram ambos os nobres. – Escutai com atenção, Lope de Ferrech, se me ajudardes, saberei recompensar-vos.

– Como bem dissestes, sois o último dos filhos do rei na sucessão, seria mais prático para mim servir os vossos irmãos.

– Aprendeis depressa – observou Ramiro, sorrindo. – Isso que dissestes agora não está correto. Para uma mente de vista curta, poderia parecer que tendes razão. No entanto, se aprofundardes a situação, dar-vos-eis conta de que os meus meios-irmãos têm mais adutores ao seu lado do que os que podem contar. Nunca poderão conceder a todos o que lhes prometeram. Eu, por outro lado – e abriu os braços, convidando-o a olhar em volta –, estou só.

– Terei de pensar nisso – sussurrou Lope de Ferrech, com expressão contrariada.

– Fazei-o depressa, não resta muito tempo.

– Para quê? O que vai acontecer?

– Lope – disse Ramiro, agarrando-o pelo ombro –, voltemos para a festa.

Capítulo Três

SERRA DE LEYRE. NOVEMBRO DO ANO 1027

Ao amanhecer, Eneca acordou num abrigo nas profundezas da montanha. Tremia de frio, tinha as mãos inchadas e a garganta seca. Parecia não compreender as imagens que se formavam nas suas retinas e, por mais que tentasse abrir e limpar os olhos, estas não se tornavam mais concisas. Arrastou-se pelo chão húmido até conseguir erguer-se desajeitadamente sobre as pernas cansadas. Saiu para uma clareira do bosque com as mãos estendidas, como um desses cegos que às vezes chegavam à aldeia a pedir esmola. Podia ver, mas não era capaz de interpretar o que a rodeava.

Tropeçou nuns ramos e caiu de bruços numa zona enlameada. Tentou levantar-se, escorregou e voltou a bater contra o lodo.

Ali ficou. Imóvel, exausta, sem voz nem consciência. Como se deambulasse por um sonho, entre a bruma da montanha e o imenso silêncio captado no seio da muralha de árvores que constituíam aquela densa paisagem.

No auge do desassossego, julgou ouvir algo. Soube que era uma percepção real, como um grito que a puxava e devolvia à vida. Sim, agora ouvia-o melhor, era um ruído cortante que vibrava nas árvores. Um uivo de animal, que ressaltava entre a folhagem de azinheiras e carrascas. Não, era um som mais conhecido, um ladrido. E então sentiu uma respiração sobre o seu rosto.

Artal lambia-lhe a cara, enredando o seu cabelo negro. O mastim sempre a acompanhara, desde que a mãe lho oferecera quando fizera onze anos. E agora, passado apenas um ano, convertera-se num animal

bonito e forte, capaz de assustar as cavaliças e rápido quando saía para a caça com os escudeiros do pai. Não sabia como, mas *Artal* escapara da aldeia e seguira o seu rasto pelo bosque até a encontrar.

Ao reconhecê-lo, começou a entender também o que a rodeava, a interpretar os sons e as formas, e um feixe de luz devolveu-a ao mundo dos sentidos.

Artal era tão esperto como muitos homens, de pelagem espessa e branca, como um floco de neve acabado de se formar. Não conhecia o frio, embora nos verões quentes sofresse com o vento cálido do poente. Gostava da chuva e de correr entre os charcos que se formavam em redor da torre. Eneca perdera a noção do tempo desde que se separara da mãe e chegara à ponte sobre o rio. Caminhara em direção ao nascer do Sol. Não se lembrava de quando desfalecera, mas ao menos já não estava sozinha.

Conforme recuperava, pensava no que teria sido feito do pai, que defendia o alto da torre; da avó, que ficara para esconder a sua fuga; e a mãe? Porque a deixara sozinha?

Não o estava. *Artal* esfregou o focinho contra as suas costas, empurrando-a para que se levantasse. Eneca fez-lhe caso e seguiu-o através da penumbra esverdeada da vegetação. Assim, chegaram a um riacho, e *Artal* meteu o focinho na corrente para beber com a sua língua alongada. Depois, fitou Eneca, e esta introduziu as mãos. Lavou a cara e sentiu-se melhor. Passou as mãos húmidas pelo pescoço, testa e ombros e voltou a mergulhá-las, formando uma taça de onde beber. Isso devolveu-a à vida.

– Vamos, *Artal*, temos de procurar qualquer coisa para comer.

Eneca caminhou ao longo do curso de água, analisando a margem, enquanto o cão farejava algumas plantas. Até que a rapariga se deteve frente a uma imponente árvore de cujos pés brotavam raízes que submergiam de novo na terra e cujos ramos eram tão altos que não podia alcançá-los. Foi à base do tronco e escavou, primeiro com as mãos e, ao perceber que era tarefa inútil, procurou um par de pedras. Com uma, deu forma à outra, para a utilizar na mesma tarefa. Com a ajuda dos rudimentares utensílios, encontrou umas raízes esverdeadas, que partiu antes de as lavar no rio. Mastigou a primeira, depois sugou-a, extraindo a seiva, e continuou com a segunda enquanto dava outra a *Artal*.

Passaram essa noite noutra abrigo que descobriram antes do pôr

do Sol, onde o riacho desembocava num leito maior. Lembrou-se de como lhe haviam ensinado a fazer fogo e procurou as rochas adequadas, reuniu folhas e ramos secos e, por último, tentou encontrar o lado menos ventoso para, após quase uma dúzia de tentativas, conseguir que uma faísca gerasse a pequena fogueira. À qual acrescentou ramos mais grossos e uma ou outra pinha que se incendiou efusivamente. Aninhou-se contra *Artal* e fechou os olhos. Era complicado fazê-lo quando, em sonhos, não deixava de ver os pais a sofrer. Despertou, por isso, antes do amanhecer e ficou de vigília a observar as estrelas da abóbada celeste, estavam todas ali suspensas e moviam-se em uníssonos à volta da terra que os homens pisavam.

Era bonito vê-las brilhar e, no profundo silêncio daquelas montanhas, parecia possível elevar-se e tocar-lhe com a ponta dos dedos. Não foi isso que aconteceu, pelo contrário, pois julgou ver um ser voar sobre a copa das árvores. Talvez fosse um dos espíritos que povoam o bosque, ou dessas mulheres capazes de se transformar em formas estranhas e viajar de um lugar para o outro.

E soltou um grito tremendo quando algo desceu diante dela. *Artal* acordou e deparou com aquele ser. Era uma coruja branca, que parecia fitá-la, impassível, enquanto o cão ladrava incessantemente.

– Calma – disse, acariciando-lhe o pescoço –, não se passa nada, calma. – O animal foi-se apaziguando.

Diante deles, a coruja rodou os olhos rasgados. Eneca deu dois passos, estendeu o braço direito e colocou-o a escassos palmos da ave, que pestanejou antes de agitar as asas enormes. Eneca não se mexeu e a coruja pousou no seu pulso.

– Diz-me, onde estão os meus pais? – A coruja não se virou. – Tu sabes, espírito do bosque. Aonde devo ir?

A coruja abriu novamente as asas e voou, afastando-se alguns passos, enquanto o brilho dos primeiros reflexos dourados do novo dia assomava por entre as montanhas. A ave ergueu-se e voou em direção ao nascer do astro.

– *Artal!* Vamos embora.

A rapariga seguiu o voo da coruja, enquanto a claridade do dia começava a inundar o bosque, até a perder de vista. Olhou em volta. Estava numa clareira, na vertente que dava para um vale. Sentiu um cheiro

que lhe chamou a atenção, parecia uma fogueira. Algo ardia ali perto. *Artal* também se apercebeu e seguiu o rasto. Eneca mal podia avançar por entre a vegetação e estava prestes a deter-se quando detetou um lugar escavado na rocha. Uma fumarada branca nascia de uma fogueira aos seus pés. Aproximou-se, precavida. Não se encontrava ali ninguém, mas havia uma panela de barro sobre a fogueira.

– Quem és tu? – assustou-a uma voz atrás de si.

A menina voltou-se e deparou-se-lhe o rosto de uma mulher com a pele mais escura do que os seus olhos alguma vez haviam visto. O olhar e o cabelo vestiam-se também de penumbra e até as roupas eram da cor da noite.

– Chamo-me Eneca.

– E o que faz uma pequena como tu sozinha no bosque?

– Não estou sozinha – respondeu a menina –, tenho o meu cão, e em breve a minha mãe virá buscar-me.

– Um magnífico mastim. E de onde vens?

– De Xabier, o meu pai é o tenente do castelo. Atacaram-nos e... conseguimos fugir.

– Interessante. E quem atacou Xabier?

– O demónio de olhos de sangue.

A mulher estremeceu ao ouvir aquelas palavras e perscrutou novamente a menina, desta vez com mais ênfase e desconfiança.

– Tens fome? Estás pele e osso. Senta-te aí e comeremos algo quente.

Eneca obedeceu e a mulher serviu-lhe uma sopa com pedaços de carne cuja procedência animal era difícil de adivinhar, alimentando também o cão.

– Uma menina como tu não deve deambular sozinha, os homens são uns animais e deixam-se levar pelos piores instintos. É melhor que fiques comigo.

– Tenho de encontrar os meus pais!

– Diz-me, viste-os nos teus sonhos?

– Não, a eles não.

– Bom – assentiu, levando à boca uma erva que começou a mastigar.

– Fica aqui, pelo menos algum tempo. Há coisas que deves aprender antes de seguires o teu caminho. Tudo acontece por uma razão, absolutamente tudo. O destino guia-nos através da vida, desta e das outras.

– Que outras?

– Ora, ora. Vejo que tens muito para aprender, vou sair para o bosque. Acompanha-me, por favor.

Eneca assim fez, pensando que lhe mostraria algo em particular, mas limitaram-se a caminhar até uma saliência pedregosa e aí permaneceram até que o Sol se pôs. Depois, a mulher levou-a para o interior do refúgio e instalou-a numa cavidade com chão de palha. *Artal* dormiria ao seu lado. Assim passou Eneca a noite naquele sóbrio lugar.

Não foi a última. A menina foi acolhida com certa indiferença pela anfitriã, que a ignorava durante grande parte do dia, mas que, ao mesmo tempo, se encarregava de que comesse e não passasse frio. A mulher chamava-se Nunila e aquele abrigo era a sua morada. No interior, guardava todo o tipo de utensílios, ervas e beberagens. O espaço oco na montanha era profundo e estava repleto de locais de armazenamento. Além disso, a temperatura era constante lá dentro e havia pouca humidade. Nunila ordenou-lhe que a limpasse todos os dias, e Eneca, pouco habituada a esses labores, quis inicialmente opor-se. Mas, por algum estranho motivo, Nunila agradava-lhe e sentia a necessidade de lhe obedecer.

Uma manhã, saíram juntas para o bosque, acompanhadas por *Artal*.

– Aonde vamos? – perguntou Eneca.

– Hoje, vou ensinar-te a apanhar cogumelos, por isso presta atenção, pois são tão saborosos e úteis como perigosos. A maioria tem veneno. Cada cogumelo bom tem o gémeo nocivo. Às vezes, a diferença entre as duas variedades é tão subtil que muitos homens confundem-nas e morrem.

Passaram grande parte da manhã a caminhar.

– Eneca! Olha, vê esse? É um tortulho.

– Tem uma espécie de chapéu.

– Assim é. É de cor parda, com a orla mais clara. Cresce entre faias, carvalhos e pinheiros. – Nunila agachou-se e mostrou à menina como devia cortá-lo.

Deambularam pelo bosque a maior parte do dia, apanhando cogumelos, e, ao chegar a noite, guisaram os mais saborosos no interior da gruta.

– Lembrar-te-ás de como são os tortulhos? – perguntou Nunila, sorridente.

– Sim, com um chapéu castanho, muito carnudo e um pé forte.

– E mais nada?

– Acho que não.

– Maldita criança! O chapéu tem uma margem mais clara, a cor não é uniforme. Se não és capaz de prestar atenção a esses pormenores, não me serves para nada. Como podes ser tão estúpida? Estou só a perder tempo contigo!

Eneca afastou-se a chorar. Nunila tão depressa se mostrava amável e preocupada com ela como mudava subitamente de humor, se encolerizava, desprezava-a e ignorava-a.

Decorreram as semanas e chegou o inverno rigoroso, durante muitos dias, não puderam sair do refúgio. Nunila continuou sem falar muito com Eneca. Assim passavam os dias para a menina, até que veio a primavera e depois o bom tempo. Numa das primeiras noites de calor, Eneca acordou às escuras e descobriu um brilho no exterior do abrigo. Sem hesitar, levantou-se e saiu da gruta. Lá fora, as chamas de uma fogueira colossal erguiam-se em direção ao céu estrelado e Nunila fitava-as em silêncio numa das pontas, ensimesmada.

– Não te vais aproximar? – perguntou sem se mexer.

Eneca dirigiu-se cautelosamente a ela e postou-se à sua esquerda. Nunila tinha uma faca na mão. Aproximou-a do rosto de Eneca, que viu o próprio medo refletido na lâmina. Não se mexeu, sustendo a respiração enquanto a arma percorria, a pouca distância, o seu pescoço. Nunila parou, fitou de novo a pequena e ergueu a faca até cortar uma madeixa do seu cabelo negro. Deu um par de passos e pousou-a no chão, dentro de um círculo de pedras, ao lado de uma vela que se consumia.

– Hoje é o primeiro dia do verão, a noite mais longa. Tempo de deixar para trás o velho e dar as boas-vindas ao novo. Vais renascer, Eneca. Tenho-te observado ao longo destes meses e por isso sei que, a partir de hoje, tudo será diferente.

Nunila pegou na madeixa e introduziu-a numa pequena bolsa de couro. Depois, guardou também as pedras e o que restava da vela. Fechou-a e guardou-a.

A mulher tinha razão. Depois do solstício, nada foi igual. Começou a acompanhar a mulher ao bosque, a recolher plantas e raízes. Acediam a lugares recônditos, no mais profundo do vale, entre frondosos carvalhais

ou à sombra de violentos cursos de água. Assim começou Eneca a identificar os habitantes da montanha: ursos, lobos, lontras, gamos; também as árvores, os arbustos, plantas e ervas. Com tudo isso, como se fosse um curioso jogo, a cada dia aprendia algo novo. Até que, uma noite, se formou uma terrível tempestade e começou uma chuva sem fim. Durante três dias, não saíram da gruta. Longe de abrandar, uma tempestade de raios caiu sobre o bosque, desencadeando o pânico em todas as criaturas. A menina nunca vira nada assim. Era como se, desde o alto, o céu ameaçasse abrir-se e cair sobre as suas cabeças.

– Não tenhas medo, Eneca, em breve passará. É apenas uma forte tempestade.

– E se é Nosso Senhor que está zangado?

– Como? Não digas disparates. Desde os tempos mais remotos que os homens sentiram a necessidade de explicar tudo aquilo que lhes causava medo. Precisavam de dar sentido ao frio, à chuva, à seca, à fome, às doenças, à morte...

– Porquê? – inquiriu Eneca.

– O medo é a maior ameaça que pende sobre nós. Pobre daquele que vive com temor no coração, nunca encontrará a paz. O medo faz-nos querer acreditar em qualquer coisa que nos livre dele. Por isso, quando os homens da cruz trouxeram o novo deus para as nossas terras, muitos acolheram-no. Mas as montanhas não lhe pertencem, têm a sua própria deusa, a mãe da Terra e da natureza. É ela quem governa o tempo. Se quiser, pode chover intensamente durante dias, ou fazer um calor sufocante que seque os cultivos. Pode, segundo a sua vontade, provocar ferozes ventos ou densas neblinas lá nos montes onde habita.

– Onde está a deusa?

– Na montanha, aí tem a sua morada. Embora se mostre de inúmeras formas, pois não transige com a mentira, o roubo, o orgulho e a falta à palavra dada. Não suporta aqueles que afirmam o que não é e negam aquilo que é.

– Agrada-me que a deusa seja uma mulher.

– Menina, deves ter uma coisa bem clara. Muitos homens atacam a deusa por ser mulher. Veem-nos como seres malignos, afirmam que somos mais propensas a cair nas garras da luxúria e do pecado. Que algumas de nós, mediante pactos com o demónio, nos convertemos

em suas servas e, em troca, obtemos diversos poderes, desde provocar tempestades até à morte dos inimigos.

– Falas de bruxas?

– Eneca! Não debes deixar-te enganar. Onde ouviste tais patranhas?

– Não me lembro, em Xabier, acho que o padre dizia que...

– Estávamos aqui muito antes de esses homens chegarem. O clero assimilou como crenças cristãs ritos ancestrais arraigados nas gentes desde há séculos, para assim os controlar. É mais fácil construir uma ermida sobre um local de oferendas à nossa deusa, santificando-o, do que condenar o seu uso. Quando a Igreja proíbe um rito pagão, e é continuamente ignorada pelo povo, toma a mesma opção: convertê-lo em parte do seu culto. São espertos esses religiosos, maldita seja se não são.

– Então as bruxas não existem?

– Na natureza há muitos seres diferentes. Alguns parecem-se conosco, mas outros não. Poucos são inofensivos, com os restantes, debes ser sempre prudente.

– Quando ia dormir, a minha avó falava-me das fadas. Dizia que aparecem perto dos rios e dos poços e que os homens não resistem ao seu chamado e se precipitam para os seus corpos transparentes, caindo e afundando-se nas águas.

– Que estúpida! – exclamou Nunila, sem o menor cuidado em não ferir a menina. – As fadas são mulheres que vivem no bosque e perto de correntes de água. Há histórias que asseguram que o seu poder é gerado pela água dos poços e nascentes, capazes de controlar a água à sua vontade, secando as fontes ou parando o curso das nascentes. São seres poderosos, mulheres que foram deusas num tempo anterior. Afasta-te delas, jamais debes falar com uma fada, entendido?

A menina assentiu.

– Que trazes pendurado ao pescoço? É uma cruz?

– Sim – respondeu Eneca, receosa.